

# TRANSFORMAÇÕES IDENTITÁRIAS E APRENDIZAGENS DE LÍNGUA ADICIONAL NO INTERCÂMBIO ACADÊMICO

IDENTITY TRANSFORMATIONS AND ADDITIONAL LANGUAGE LEARNING THROUGH ACADEMIC EXCHANGE

TRANSFORMACIONES IDENTITATIVAS Y APRENDIZAJE DE LENGUA ADICIONAL EN EL INTERCAMBIO ACADEMICO

*Tania Regina de Souza ROMERO\**

*Naiara de Paiva VIEIRA\*\**

**Resumo:** Este artigo, vinculado ao projeto de pesquisa Linguagem na Constituição do Educador, desenvolvido na UFLA, discute transformações identitárias e aprendizagem de língua adicional como efeito de uma experiência de intercâmbio no Uruguai. Os dados, provenientes de narrativas em questionário escrito e entrevista oral, são analisados a partir da perspectiva teórica de identidade (Hall, 2005; Bauman, 2005; Silva, 2000; Block, 2007), a relação cultura e linguagem (Tilio; 2007; Kramersch, 1998) e aprendizagem de línguas adicionais (Lightbown e Spada, 1993) e (Lantolf e Thorne, 2006). Destaca-se que essa experiência modificou perspectivas para futura atuação profissional, trazendo novos posicionamentos ante a sociedade, bem como identificando estratégias que facilitam a aprendizagem de língua adicional em contexto natural.

**Palavras-chave:** Identidade; Cultura; Aprendizagem de língua adicional.

**Abstract:** This article, linked to the research project Language in the Constitution of the Educator being developed at the Federal University of Lavras, discusses identity transformations and additional language learning as an effect of an exchange experience in Uruguay. The data, narratives in a written questionnaire and an oral interview, are analyzed from the theoretical perspective of identity (Hall, 2005; Bauman, 2005; Silva, 2000; Block, 2007); the relationship between culture and language (Tilio, 2007; Kramersch, 1998) and learning of additional languages (Lightbown and Spada, 1993) e (Lantolf e Thorne, 2006). The data analysis shows how this experience has changed the author's prospects for future professional activities, revealing new views of society, as well as identifying strategies that facilitate the learning of an additional language in a natural context.

**Keywords:** Identity; Culture; Additional language learning.

---

\* Doutora em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem (PUC-SP). Contato: taniaromero@dch.ufla.br.

\*\* Mestre em Letras: Estudos da Linguagem (UFOP). Contato: naiarav@yahoo.com.br.

**Resumen:** Este artículo, vinculado al proyecto de investigación Lenguaje en la Constitución del Educador, desarrollado en la UFLA, discute transformaciones identitarias y aprendizaje de lengua adicional como efecto de una experiencia de intercambio en Uruguay. Los datos, provenientes de narrativas en cuestionario escrito y entrevista oral, son analizados a partir de la perspectiva teórica de identidad (Hall, 2005; Bauman, 2005; Silva, 2000; Block, 2007), la relación cultura y lenguaje (Tilio; 2007; Kramsch, 1998) y aprendizaje de lenguas adicionales (Lightbown y Spada, 1993) y (Lantolf y Thorne, 2006). Se destaca que esta experiencia modificó perspectivas para futura actuación profesional, trayendo nuevos posicionamientos ante la sociedad, así como identificando estrategias que facilitan el aprendizaje de lengua adicional en contexto natural.

**Palabras-clave:** Identidad; Cultura; Aprendizaje de idiomas adicional.

*Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do mundo...  
Fernando Pessoa*

*I feel reborn at each moment  
for the eternal novelty of the world...  
Fernando Pessoa*

## Introdução

Esse trabalho está inserido na linha de pesquisa Linguagem na Constituição do Educador, calcada nos princípios da Linguística Aplicada. Este enquadramento teórico-metodológico é especialmente pertinente, considerando-se que o objetivo deste estudo é narrar meu processo de inserção na cultura uruguaia, o que envolve a aprendizagem do Espanhol, bem como refletir sobre as transformações identitárias ocorridas durante uma experiência de intercâmbio.

Aprender línguas e se comunicar são tão importantes quanto aprender como se dá o processo de aprendizagem. Para qualquer estudante de línguas, quando se aprende como se dá o processo de aprendizagem em um contexto cultural diferente, é possível identificar certas transformações identitárias. Elas ocorrem, geralmente, quando a pessoa passa por experiências de vida e/ou culturais diferentes, como a que vivenciei como parte do meu processo de formação inicial. Por isso, quero refletir como esse processo me impactou e me transformou

como pessoa, como aluna, como pesquisadora, como acadêmica, como profissional.

Fui contemplada, no ano de 2012, com uma bolsa de estudos do Projeto de Mobilidade Mercosul (PMM) para passar um semestre letivo em Montevidéu, Uruguai. Antes de lá chegar, meu conhecimento de espanhol era bastante restrito, uma vez que, em preparo para o intercâmbio, apenas tive um curso de duas semanas pouco antes de embarcar. Sendo assim, meu processo de aprendizagem de espanhol diferiu radicalmente do processo de aprendizagem de língua inglesa pelo qual vinha passando em minha graduação, já que, não tendo a língua espanhola em meu curso de Letras, a principal parte de aprendizagem do novo idioma se deu em imersão na cultura alvo. No decorrer de minha experiência, pude perceber que não estava somente aprendendo o espanhol e conhecendo uma nova cultura, mas, ao mesmo tempo, estava me transformando em uma pessoa diferente, com visões distintas daquelas que trazia comigo quando cheguei.

Nesta perspectiva, o objetivo geral deste trabalho é refletir sobre os efeitos desta experiência PMM no Uruguai tanto do ponto de vista identitário, quanto do processo de aprendizagem da língua adicional a partir de narrativas pessoais. Como objetivo específico, a pesquisa busca identificar indícios de transformação identitária, bem como destacar aspectos de meu processo de aprendizagem da língua espanhola. Para alcançar tais objetivos é importante perguntar:

1. Que dificuldades de comunicação enfrentei?
2. Que estratégias de aprendizagem utilizei?
3. Como a experiência de intercâmbio me transformou?

O trabalho está dividido em quatro partes. Na fundamentação teórica trato de questões de cultura, identidade e estratégias de aprendizagem de línguas, levando-se em conta as elaborações sobre identidade de Hall (2005), Bauman (2005), Silva (2000), Block (2007), de cultura e aprendizagem de línguas, conforme destacadas por Tilio (2007), Kramsch (1998) e aprendizagem de línguas adicionais conforme sugerido por Lightbown e Spada (1993) e Lantolf e Thorne (2006). Seguindo uma metodologia qualitativa, enfoco como os dados foram coletados, enfatizando as experiências internacionais que vivi. Explicito também nos procedimentos de análise, critérios para recorte

dos dados e as bases para sua interpretação, assim como para respostas às perguntas de pesquisa. Já nas considerações finais faço uma reflexão sobre a pesquisa realizada e seus possíveis desdobramentos para mim, como profissional, como conhecedora de mundo, como pesquisadora, e, certamente, para os leitores, delineando, ainda, indicações para pesquisas futuras.

## **Fundamentação Teórica**

Discuto inicialmente três concepções de identidade, conforme sugeridas por Hall (2005) e, para um maior esclarecimento da terceira concepção, recorro à definição de pós-modernismo dada por Sevcenko (1995), complementando com a questão da diferença proposta por Silva (2000). Relaciono o conceito de identidade com os conceitos de cultura e aprendizagem de línguas, tendo como referencial teórico as elaborações de Hall (2005), Bauman (2005), Block (2007), Tilio (2007) e Kramersch (1998). Já Lantolf e Thorne (2006) e Lightbown e Spada (1993) auxiliam-me a atentar para alguns aspectos de aprendizagem de uma língua adicional. Para discutir a aprendizagem do espanhol, especificamente, tomo como base o trabalho de Oliveira (2006), denominado “Análise de narrativas de aprendizagem de espanhol sob a perspectiva da teoria do caos”. Entendo estas bases como fundamentais para que as perguntas de pesquisa possam ser respondidas.

Segundo Hall (2005), a questão da identidade tem sido amplamente problematizada em várias áreas, pois que estamos passando atualmente por uma “crise de identidade”, ou seja, a identidade somente se constitui em problema quando está em crise. As três concepções de identidade sugeridas por ele relacionam-se a três concepções de sujeitos: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Na concepção de sujeito do iluminismo, Hall explica que o núcleo ou o centro essencial do eu é a identidade de uma pessoa. Sendo assim, o sujeito nasce com uma identidade fixa que se desenvolve ao longo de sua existência; no entanto, ele permanece essencialmente o mesmo. Essa é, critica o autor, uma concepção muito individualista do eu e de sua existência, que salienta a permanência de uma mesma e imutável configuração identitária.

Já a concepção do sujeito sociológico é vista como uma concepção interativa da identidade do eu, em que o sujeito ainda continua tendo um núcleo ou uma essência identitária interior que é chamada de “eu real”, mas esta é formada e modificada na interação entre o eu e a sociedade.

Por fim, a concepção de identidade mais recentemente elaborada é a concepção de sujeito pós-moderno, em que ele é visto como não tendo uma identidade fixa ou essencial. A identidade torna-se, assim, uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente com a manutenção de contato com as diversas culturas que nos rodeiam. Vista dessa maneira, essa concepção de identidade é definida contextual e historicamente e não biologicamente. O sujeito lida com vários traços que pré-existem nele e que, ao mesmo tempo, são incoerentes.

Complementando, para Sevckenko (1995), o sujeito pós-moderno, que se insere em um tempo não linear, não possui uma identidade fixa e essencial, já que sua identidade está em constante mudança. Silva (2000), por sua vez, defende que identidade e diferença é o resultado de atos de criação linguística. Elas têm que ser ativamente produzidas. São criações sociais e culturais, realizadas por meio de atos de linguagem. “Ser isto” significa “não ser aquilo”, ou seja, “ser brasileiro” significa “não ser uruguaio”, por exemplo. Para que a identidade seja formada e transformada, entendo ser necessário que o sujeito lide com a diferença, uma vez que é ao lidar com a alteridade<sup>1</sup> que o sujeito assume diversas posições, ou seja, identidades.

Voltando o olhar para mobilidade internacional, é lógico lembrar que quando entramos em contato com outra cultura, deparamo-nos com vários tipos de diferenças e isso acarreta várias transformações em nossa identidade. Assim, o conceito pós-moderno de identidade, sugerido por Hall, está intimamente ligado ao conceito de cultura. Para explicar melhor essa relação, trago um conceito de cultura apontada por Kramsch que me parece apropriada para esta investigação:

---

<sup>1</sup> Perspectiva sócio interacionista.

[...] cultura pode ser definida como membro em uma comunidade discursiva que partilha um espaço social e história comuns, e “imaginings” comuns. Mesmo quando eles deixaram aquela comunidade, seus membros podem conservar, onde eles estiverem, um sistema comum de padrões de percepção, crença, avaliação e atitudes. Estes padrões são geralmente chamados de sua “cultura”. (1998, p. 10)

Há muitas críticas na modernidade de que o contato com outra cultura nos faz minimizar a nossa própria, o que acarreta uma violação de nossa identidade. No entanto, depois de passar por uma experiência de intercâmbio, pude perceber que o contato com outra cultura resultou em uma reflexão sobre a minha e a cultura do outro. Percebo que esse contato me permitiu questionar mais amplamente a minha identidade cultural e pessoal e não desvalorizar uma ou outra.

Coerentemente a essas percepções, o conceito de cultura é entendido como um conceito plural, em que não existe uma cultura “pura”, mas sim uma miscigenação de culturas. Pensando nesse conceito plural e no pertencimento do indivíduo, fica claro que a identidade é inventada e não descoberta. Bauman (2005) diz que o indivíduo inventa sua própria identidade ao se relacionar com os participantes não homogêneos de um grupo cultural.

Entendo que essa visão de identidade sugerida por Bauman dialoga com a visão de sujeito pós-moderno de Hall. Segundo Bauman (2005), a ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento, ou seja, da recriação da identidade à semelhança da ideia do indivíduo. O indivíduo cria e recria sua identidade de acordo com seus objetivos pessoais e sociais quando inserido em um grupo. Para Hall (2005), o mesmo ocorre com a identidade nacional em que o indivíduo se forma e se transforma no interior do sistema de representação cultural. Portanto, é errôneo pensar a cultura nacional como expressão da cultura subjacente de um único povo porque as nações modernas são todas híbridas culturais.

Kramsch (1998), também trazida por Vivan (2011), lembra que língua e cultura estão interligadas e que, ao se separar uma da outra, ocorrerá a perda do significado de ambas. Dessa maneira, na aprendizagem de uma nova língua, ocorrerá o processo de aculturação, que se relaciona à adaptação a uma nova cultura. Convergingo para a discussão teórica, ao pensar em minha aprendizagem de língua

espanhola, pude perceber que, para que eu conseguisse um melhor desempenho, precisei me adaptar à cultura uruguaia.

É ainda pertinente salientar que alguns autores usam o termo relatividade linguística para falar da relação entre linguagem e pensamento mediada pela cultura. Gumperz e Levinson discutem essa teoria dizendo que “...a cultura, através da linguagem, afeta o nosso modo de pensar, principalmente, devido às nossas experiências de vida” (1996 apud TILIO, 2007, p. 108). Pude observar essa influência da cultura em minha aprendizagem da língua espanhola e, conseqüentemente, em minha forma de pensar. Em contato com a cultura uruguaia, fui observando certos pontos da língua que posteriormente afetaram minha maneira de pensar sobre a língua e sobre a cultura. Já outros autores citados por Tilio (2007), como Hill (1988) e Lucy (1999), mencionam o determinismo linguístico, em que ocorre a relação inversa, ou seja, a linguagem determina o pensamento e afeta a cultura. No entanto, Tilio (2007) explica a relação bidirecional entre língua e cultura, pontuando que não é a língua que determina a cultura, nem a cultura que influencia a língua, mas sim ambas se influenciam todo o tempo.

Block, por sua vez, acrescenta como a imersão na cultura alvo causa impacto na identidade de uma pessoa: “Ao tornar-se totalmente imerso na cultura, costumes e ideais do país de acolhimento, cada participante ganha habilidades, experiências e memórias que durarão uma vida.”<sup>2</sup> (BLOCK, 2007, p. 145, tradução nossa). O autor ainda diz que na aprendizagem de línguas no exterior, o indivíduo se engaja em vários tipos de atividades que promovem o desenvolvimento de sua competência comunicativa, o que minha experiência confirmou. Essa explicação me é especialmente real, uma vez que me vejo hoje como uma pessoa com maior facilidade de comunicação em outro idioma.

No tocante à aprendizagem de língua adicional especificamente, Lantolf e Thorne (2006) salientam que um dos requisitos é o desenvolvimento de um alto nível de regulação do processo afetivo-cognitivo por parte do aprendiz. Segundo eles, torna-se crucial ter “o poder de radicalmente reconstruir toda a operação mental de si mesmo e de outros a assim ampliar incomensuravelmente

---

<sup>2</sup> By becoming fully immersed in the culture, customs, and ideals of the host country each participant gains skills, experiences, and memories that will last a lifetime.

o sistema de atividade de funções mentais” (p. 60). Isto é, além de selecionar e controlar seus processos de aprendizagem, o aprendiz deve saber adaptá-los para lidar com o novo desafio. A propósito, Lighbown e Spada (1993) já advogavam que a aprendizagem de uma língua vai depender muito de como o aprendiz se coloca emocionalmente.

Buscando entender agora como o espanhol é aprendido como língua adicional, me embasei no trabalho de Oliveira (2006). A autora faz a análise de narrativas de aprendizagem de estudantes e professores, coletadas no projeto AMFALE (Aprendendo com Memórias de Falantes e Aprendizes de Língua Estrangeira), que é desenvolvido na Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Oliveira pautou-se em 31 narrativas de graduandos de Letras ou professores já formados que participavam do projeto Educonle<sup>3</sup> (Educação Continuada para Professores de Línguas Estrangeiras), que visa à capacitação lingüístico-metodológica em língua adicional.

Conforme pontua a autora, deve-se ter em conta características próprias do processo de aprendizagem de língua, fortemente marcado por sua dinamicidade, complexidade e imprevisibilidade, além ser influenciado por inúmeros fatores pessoais e do contexto onde a aprendizagem ocorre. Assim, não é possível se ter um acesso direto ao processo cognitivo de um aprendiz. O papel das narrativas é o de ser um meio para ter indícios sobre a aprendizagem.

A pesquisadora escolheu como corte de análise as condições iniciais da aprendizagem de língua espanhola, ou seja, o que levou os estudantes a se motivarem em estudar a língua. Como forma de delimitação, enfoco aqui estratégias utilizadas pelos aprendizes em seus processos de aprendizagem da língua, por ordem decrescente de frequência de menção: (a) praticar o máximo possível, seja com alunos, professores, familiares, etc (54,8%); (b) ouvir música, ver filmes, novelas e programas de TV com original em espanhol, ler (49%); (c) usar internet (38,7%); (d) contato com falante nativo (22%); (e) ouvir a própria voz em gravações didáticas e preparar aulas (16%); (f) usar gramáticas ou dicionários (12,9%); (g) traduzir e memorizar palavras e expressões (6,4% e 3,2%, respectivamente).

---

<sup>3</sup> Projeto da Faculdade de Letras da UFMG, que envolve professores de várias unidades da Universidade.

Vale, ainda, perceber neste estudo que mais de 50% dos entrevistados dizem ser o professor a razão de seu interesse pelo idioma ou pelos traumas causados durante a aprendizagem. Destes 50%, 67% associaram ao professor acontecimentos positivos e motivadores e 33% a acontecimentos negativos.

Em um contexto em que a língua alvo é aprendida naturalmente, como o que vivi, entendo que aprendemos a língua com os falantes nativos da língua, quando somos obrigados a interagir com foco em significados e condições contextuais, o que nos faz ter uma aprendizagem mais natural e mais rápida da língua, sem haver preocupação específica com as suas regras. Segundo minha experiência, à medida que os propósitos comunicativos são alcançados com maior facilidade, a atenção à forma cresce, impulsionando objetivos de adequação sistêmica.

## **Metodologia**

Essa é uma pesquisa qualitativa que enfoca o meu processo de aprendizagem de línguas em contato com outra cultura. Segundo Minayo (2009), o estudo que realizo é especialmente adequado para o enfoque qualitativo porque se volta para especificidades da vida real que não poderiam nem se pretende que sejam quantificadas.

Sendo assim, a pesquisa qualitativa alcança os objetivos desse trabalho por serem analisados dados de um questionário e de uma entrevista, buscando indícios de transformações identitárias e aspectos que deixem claro meu processo de aprendizagem da língua espanhola, além de alguns efeitos da experiência de intercâmbio acadêmico. Especificamente, este é um estudo de caso. Para Yin (2001), o estudo de caso pode ser considerada a estratégia preferida para este trabalho porque:

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real (YIN, 2001, p. 19).

Para que o leitor conheça a participante foco desta investigação, me apresento. Tenho 26 anos, sou natural de uma cidade

do sul mineiro, de cerca de 17 mil habitantes, onde morei até ingressar na Universidade, uma cidade de 90 mil habitantes, próxima de minha cidade natal. Sou formada em Letras, com habilitação dupla Português/Inglês e mestre em Estudos da linguagem: tradução e práticas discursivas, pela Universidade Federal de Ouro Preto. Pela primeira vez, fui para o exterior no ano de 2012, pelo Programa de Mobilidade Mercosul (PMM), fazer intercâmbio no Uruguai, onde estive por 5 meses morando com mais 4 brasileiros. Lá morei em Montevideo, capital de quase 2 milhões de habitantes. Conforme já mencionado, antes de minha partida, eu só havia feito um cursinho básico de duas semanas que preparava os estudantes bolsistas do Programa para a chegada aos países do Mercosul. No Uruguai, estudei na UDELAR (Universidad de la Republica Del Uruguay), onde os alunos podem fazer no máximo três ou quatro disciplinas por semestre. Para falar um pouco sobre minha experiência de intercâmbio, identificar e compreender indícios de transformações identitárias, após essa experiência, e focar em meu processo de aprendizagem da língua espanhola, respondi a um questionário por e-mail e a uma entrevista pessoalmente, que fazem parte do projeto de pesquisa *Linguagem na Constituição do Educador*<sup>4</sup>. Foram usados nesse trabalho os recortes da entrevista e de um questionário, com vistas a se compreender minhas possíveis transformações identitárias e meu processo de aprendizagem da língua espanhola.

O questionário (anexo A) foi elaborado pela então coordenadora do projeto, co-autora deste artigo. A entrevista (anexo B) foi conduzida pela mesma coordenadora aos estudantes que participaram do programa PMM na mesma época que eu participei. A entrevista foi gravada em forma de diálogo, com duração de 2h30min e participaram 5 outros estudantes que fizeram intercâmbio no Uruguai, Paraguai e Argentina. A entrevista foi em formato interativo entre a coordenadora e os bolsistas. Os temas giravam em torno de, por exemplo, nossas aprendizagens, nossos destaques da experiência e principais dificuldades, além de também se abordar como lidávamos com a distância e com a saudade, aspectos culturais diferentes, relações

---

<sup>4</sup> Projeto coordenado pela professora da UFLA, Tania Regina de Souza Romero, e desenvolvido na Universidade Federal de Lavras. O objetivo do projeto é investigar, discutir e refletir sobre significações impressas na linguagem de estudantes em formação inicial e/ou continuada em discursos diversos.

entre as pessoas, dificuldades de integração, diferença entre os jovens, comparação entre universidades, processo de aprendizagem de espanhol, mudança de percepção de sul-americanos ante a experiência e mudanças pessoais percebidas.

Após a transcrição da entrevista e a leitura cuidadosa do questionário respondido, com o intuito de fazer a análise dos dados e responder as perguntas da pesquisa, destaco alguns trechos da entrevista e do questionário para ilustrar minhas respostas. Optei pela categorização por entender que a organização de ideias e assuntos permite uma maior e melhor compreensão do objetivo da pesquisa. Os dados são analisados à luz da (a) teoria de Identidade de Hall (2005), Bauman (2005), Silva (2000), Block (2007), (b) cultura e aprendizagem de línguas, conforme destacadas por Tilio (2007), Vivan (2011), Kramsch (1998), além de Lightbown e Spada (1993) e Lantolf e Thorne (2006).

## **Discussão dos Dados**

Com base na fundamentação teórica que norteou este estudo, faço a análise de recortes do questionário respondido por mim por escrito e da entrevista oral respondida pessoalmente e posteriormente transcrita, relacionados à minha experiência acadêmico-cultural em país estrangeiro, bem como meu processo de aprendizagem de línguas. Os recortes da entrevista e do questionário selecionados têm como objetivo explicitar minhas transformações identitárias e meu processo de aprendizagem da língua espanhola. Para se atingir tal objetivo, procuro responder as perguntas de pesquisa anteriormente destacadas.

### **Que dificuldades de comunicação enfrentei?**

Para responder a primeira pergunta de pesquisa, apresento recortes do questionário, para que se possa fazer a análise à luz das teorias expostas na fundamentação teórica desse trabalho.

Analisando minhas respostas, pude perceber que minhas dificuldades de comunicação foram devido a três fatores em particular. O primeiro fator foi o estranhamento causado pelo primeiro contato com a língua espanhola. O segundo foi a falta de intimidade com os uruguaios e sua cultura, o que acabava prejudicando a comunicação. Já

o terceiro fator, que é discutido por Lightbown e Spada (1993) e Lantolf e Thorne (2006), foi a combinação de relação afetivo-cognitiva e personalidade. Esses fatores podem ser observados no recorte do questionário a seguir:

[...] Quando cheguei ao Uruguai, percebi que o espanhol nativo era bastante diferente do pouco contato que tive com o idioma no Brasil e não entendia quase nada do que as pessoas falavam, comecei então a criar um bloqueio para a aprendizagem do idioma. Além desse estranhamento de início, o que agravou, em um primeiro momento, meu aprendizado, foi a falta de intimidade com os uruguaios, que me deixava às vezes sem saber como me expressar. Como sou uma pessoa tímida, enfrentava muitas dificuldades de comunicação. Muitas vezes, quando não entendia algo, não perguntava e isso me impossibilitava a aprendizagem, outras vezes queria dizer algo, mas não dizia por receio de não me entenderem. Como todo falante não nativo de um idioma, percebi que tenho também bastante dificuldade de expressar minhas emoções em espanhol e, como meu vocabulário era muito reduzido, nem sempre os outros entendiam o que eu queria expressar. [...]

Percebi no decorrer da experiência que minhas dificuldades de comunicação foram diminuindo quando consegui uma maior adaptação à cultura uruguaia. No recorte do questionário a seguir, relato essa experiência:

[...] Adaptei-me também a tomar mate com os amigos. Percebo essas experiências de comer junto e tomar mate muito significante para mim, porque ao compartilharmos o mate e comermos todos juntos, fui conseguindo um melhor desenvolvimento com a língua.

Os dados, portanto, convergem para a discussão de Vivan (2011) e Kramsch (1998), para quem o processo de “aculturação”, ou seja, se adaptar a uma nova cultura é necessário para que o indivíduo aprenda outra língua. Posteriormente, fui percebendo que a maneira de pensar dos uruguaios e como eles se comunicavam em espanhol, entre si e com os outros, era diferente devido aos traços culturais do país. Eles não falavam tão abertamente sobre alguns assuntos, por exemplo, e tinham costumes diferenciados. Um costume que observei na residência onde morei que me chamou muito a atenção, é que nada é

compartilhado entre os estudantes, desde objetos de higiene até utensílios de cozinha. Penso que essas diferenças tem grande influência da cultura uruguaia, por serem os uruguaios, na minha percepção, pessoas mais reservadas.

No meu processo de aprendizagem da língua espanhola, fui entendendo que precisaria adaptar meu pensamento e minha comunicação ao idioma, tendo em vista aspectos culturais do Uruguai. Essa adaptação vai ao encontro da argumentação de Tilio (2007), segundo a qual a cultura influencia nossa maneira de pensar através da linguagem, devido, principalmente, às nossas experiências de vida.

Sendo assim, no processo de aprendizagem da língua espanhola, pude perceber que o processo de aprendizagem de uma língua está intimamente ligado ao conceito de identidade. Enquanto me adaptava à cultura e aprendia o porquê de alguns usos da língua, entendia também aspectos culturais do país que, inconscientemente, influenciavam em minha identidade. No entanto, nem sempre essa adaptação foi fácil, me surgiam vários sentimentos, segundo advogam Lighbown e Spada (1993). No recorte do questionário a seguir, explicito essas questões:

[...] Em minha experiência, além das dificuldades que passei, precisei conviver com vários sentimentos como angústia, saudade, medo e frustração. Mas apesar disso, acredito que experiências como essa contribuem muito para o nosso crescimento. Ao conhecermos outro mundo, que muitas vezes é bem diferente do nosso, nossa identidade é transformada. Penso que seria muito enriquecedor se todos os alunos de licenciatura pudessem passar por uma experiência de intercâmbio.

Em meu processo de aprendizagem, pude perceber como essa questão emocional me influenciou. Assim que cheguei ao Uruguai, estava totalmente estressada e desmotivada devido ao susto que levei ao ter contato com o espanhol nativo, idioma que achei bem diferente do que pensava, e por chegar sozinha a um aeroporto, sem saber muito bem como eu deveria agir, e sem contar com o apoio Institucional esperado. Por isso, entendo, criei certo bloqueio com a língua, que somente foi superado quando já estava mais inserida e adaptada à cultura uruguaia.

Além disso, o contato frequente e intenso com brasileiros, o que para mim era confortador, retardava meu uso do espanhol e inserção à cultura alvo. Entendo, com minha experiência, que a adaptação à cultura é muito relevante, reafirmando o que pontuam Vivan (2011) e Kramsch (1998), para que o processo de aprendizagem se desenvolva. No trecho do questionário a seguir isso é observado,

Com o passar do tempo consegui me adaptar mais à cultura uruguaia e aos uruguaios, consegui prestar mais atenção ao que eles falavam e entender bem melhor. Comecei também a entender como alguns usos da língua têm estreita relação com a cultura uruguaia, o que me gerava um novo olhar sobre a língua. E enquanto eu ia aprendendo mais palavras, meu processo de leitura ia se desenvolvendo. [...]

### **Que estratégias de aprendizagem utilizei?**

Refletindo sobre as estratégias de aprendizagem que utilizei, pude perceber que, depois do primeiro mês, procurava conversar mais em espanhol com falantes nativos e não nativos do idioma e prestava bastante atenção ao que eles diziam. Geralmente eu perguntava e pedia para me explicarem quando apareciam os aspectos gramaticais mais difíceis para mim, mas nem sempre as pessoas se sentiam a vontade de me corrigir. No trecho da entrevista a seguir, relato isso:

**Como é que foi esse processo de aprender espanhol? Se você tivesse que sugerir pra uma pessoa, o que você sugeriria?**

Também perguntar, não ter vergonha de perguntar a algum amigo como fala isso, como fala aquilo.

**Então você sugeriria não ter vergonha?**

É. Às vezes a gente falava, pronunciava errado, eles ficavam sem graça de corrigir.

Outra estratégia de aprendizagem era escrever e-mails para professores e funcionários da faculdade; isso me ajudava a desenvolver a escrita e corrigir erros gramaticais. Também lia todos os textos das disciplinas para adquirir vocabulário e procurava assistir a filmes e ouvir músicas como forma de saber como estava meu processo de aprendizagem de espanhol, prestava atenção também em como os professores falavam nas aulas. Essas estratégias, como previamente

discutido, coadunam com as postulações de Lighbown e Spada (1993) e Lantolf e Thorne (2006), uma vez que fui me adaptando às necessidades, lançando mão dos recursos que tinha à disposição e faziam parte de minhas necessidades acadêmicas e cotidianas.

Pude ainda observar que as estratégias de aprendizagem que utilizei foram as mais citadas na pesquisa de Oliveira (2006). Entendo que, em um contexto de intercâmbio, a prática será naturalmente a estratégia de aprendizagem mais utilizada, uma vez que se pode interagir frequentemente com falantes nativos. Com a interação no ambiente natural, aprende-se o idioma de maneira natural, o que faz da aprendizagem muito mais interessante, descontraída, contextualizada, ou seja, com maior propósito comunicativo. Como dizem Lighbown e Spada (1993), a aquisição de um idioma, diferentemente da aprendizagem, faz a comunicação fluente e natural.

### **Como a experiência de intercâmbio me transformou?**

Passando agora para a última pergunta de pesquisa, identifico indícios de auto-transformações identitárias que percebi durante e depois do intercâmbio.

Primeiramente, no questionário, avalio minha experiência no exterior do ponto de vista pessoal:

[...] Aprendi muito com as pessoas e sobre o mundo. Ao longo da experiência, aprendi a conviver com pessoas diferentes, de cultura diferente, aprendi a viver em uma cidade bem maior que onde vivo e me acostumei a um país diferente, toda essa experiência me transformou como pessoa. Percebi que me tornei uma pessoa mais ativa, atenta, solidária, paciente e compreensiva. [...]

No recorte da entrevista a seguir, também comento algumas percepções que identifiquei em minha identidade pessoal:

**O que vocês acham que ganharam? Como experiência, tanto profissionalmente, quanto como pessoa. O que é a Naiara hoje que não era antes?**

Então, eu cheguei até a perguntar pras minhas amigas no que eu mudei, porque a gente mesmo muitas vezes não percebe a mudança e minhas amigas disseram que eu tô mais centrada, mais séria, acho

que é porque você acaba tendo que se virar em tudo que você acaba tendo que ficar mais centrada, mais preocupada né e também hoje em dia eu tenho bem mais paciência pra lidar com os outros porque eu tive que ter paciência lá com coisas que eu não conhecia, não tinha costume.

A imersão em outra cultura e o entendimento de aspectos culturais me permitiram adquirir experiências que me possibilitaram um grande crescimento pessoal. À medida que eu ia convivendo com aspectos culturais diferentes, como costumes dos uruguaios, cidade em que morei, etc, auto-transformações identitárias iam ocorrendo. Entendo, portanto, que a interação com a cultura uruguaia é a causadora de transformações identitárias. No trecho da entrevista a seguir relato sobre a politização do povo uruguaio, aspecto que me parece muito importante:

**Como que vocês viam as instituições em que vocês estavam comparativamente com a UFLA? O que vocês viram de bom lá que seria bom que tivesse aqui, o que vocês sabem de bom que tem aqui que seria bom que tivesse lá?**

Lá no Uruguai como eu disse, os professores estimulam muito os alunos a serem mais politizados, então eu acho isso um ponto positivo.

**Como é que eles estimulam? Eles falam?**

Falam, nas aulas mesmo eles falam que os estudantes têm que participar mais das passeatas, dos protestos. As aulas não são apenas do conteúdo das matérias, os alunos e os professores discutem também sobre o governo do Uruguai, algumas vezes eu não entendia. Mas eu percebia que eles tavam falando disso. Então, eles conversam muito sobre essas questões, aqui não temos esse costume. [...]

Pude perceber que lidei com vários tipos de diferenças enquanto fazia o intercâmbio, até diferenças com relação às disciplinas que cursei. Ao fazer essas disciplinas, a visão profissional que tinha até ali mudou. No recorte do questionário a seguir, discorro sobre meu crescimento acadêmico-profissional:

[...] Do ponto de vista acadêmico-profissional, percebo a experiência como muito enriquecedora, apesar de não ter conseguido fazer as matérias da grade de letras que eu queria por motivo de regras da

universidade. Gostei muito dos professores e das disciplinas que fiz na faculdade [da área de psicologia] que, inclusive, me influenciaram em minha escolha profissional. Pude fazer também comparações entre a universidade daqui e a de lá, percebendo diferenças e semelhanças entre ambas.

Block (2007) sustenta que a total imersão na cultura, costumes e ideais do país, faz a pessoa ganhar habilidades, experiências e memórias que a acompanharão por toda a vida. Destaco algumas dessas questões no trecho do questionário a seguir:

[...] Pretendo também continuar com o hábito de ler livros em espanhol para não perder a prática. Outro hábito que adquiri e gostei, foi tomar mate com os amigos, isso é bom porque ao compartilharmos o mate tiramos um tempo para nos reunir.

Já nesse trecho da entrevista, lembro das amizades que fiz no intercâmbio e que estão presentes na minha memória:

**O que foi mais legal de ter ido?**

As amizades. Acho que tira da nossa cabeça isso de preconceito, a gente percebe que mesmo com as diferenças a gente pode ser amigo, conviver e se dar bem e isso é muito bom.

Sendo assim, percebo que a identidade passa a ser, segundo Bauman (2005), inventada e não descoberta, ou seja, o sujeito inventa sua própria identidade de acordo com seus objetivos e luta por ela, mesmo sabendo que a identidade é eternamente inconclusa. Entendo assim, a visão pós-moderna de identidade discutida por Hall e a mais recente estudada, em que o sujeito é visto como não tendo uma identidade fixa, permanente ou essencial, como a visão de identidade que mais caracteriza o ser humano. Todo ser humano é um enigma, possui várias identidades algumas vezes contraditórias e não-resolvidas, portanto sua identidade é eternamente fragmentada. A identidade muda dependendo do contexto cultural em que o sujeito se encontra, em contextos culturais diferentes, ele assume identidades diferentes. A identidade é então uma constante invenção.

## Considerações Finais

Nesta reflexão, fica claro que a experiência me fez identificar estratégias que facilitam a aprendizagem de língua adicional em contexto natural. Além disso, algumas estratégias que aprendi, em contexto natural, eu utilizo em meu aprendizado de Língua Inglesa, como, por exemplo, a leitura e a escrita em Língua Inglesa como forma de melhorar minha aprendizagem do idioma. A imersão em outra cultura também nos acarreta transformações identitárias, conforme argumenta Hall (2005). Entendo que se por algum momento sentimos ou pensamos que temos uma identidade unificada desde quando nascemos até quando morremos, é porque temos medo da mudança e criamos uma conformadora “narrativa do eu”. A identidade que é plenamente unificada, completa, segura e coerente é, segundo o autor, com quem me alinho, uma fantasia.

A experiência de intercâmbio me transformou como pessoa e modificou minhas perspectivas para futura atuação profissional, trazendo novos posicionamentos ante a sociedade. Além disso, com o estudo, percebi como trabalhar melhor com o “outro”, com meus alunos no ensino de línguas e como algumas estratégias de aprendizagem de uma língua adicional podem me ajudar em outras aprendizagens. No entanto, entendo que toda essa transformação também não é unificada e, com certeza, ainda será fragmentada. Uma possível sugestão para pesquisa futura, que me parece pertinente, seria a investigação de facilidades e dificuldades em se aprender um idioma por aquisição e/ou por aprendizagem, uma vez que o tema merece certa atenção. Outra sugestão seria entrevistar um maior número de pessoas que passaram por uma experiência de intercâmbio para se ter um quadro mais amplo e rico de experiências.

## Referências

BAUMAN, Zygmund. (1925). **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BLOCK, David. Identity in study abroad contexts. In: DAVID BLOCK. **Second Language Identities**. London: Continuum, 2007. p. 145-186.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KRAMSCH, Claire. **Language and Culture**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

LANTOLF, James; THORNE, Steven. **Sociocultural theory and the genesis of second language development**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LIGHBOWN, Patsy; SPADA, Nina. **How Languages are Learned**. New York: Oxford University Press, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Ana Paula Alves. Análise de narrativas de aprendizagem de espanhol sob a perspectiva da teoria do caos. In: XV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFMG, 15., 2006, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 1-16. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/alves.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2014.

SEVCENKO, Nicolau. O enigma pós-moderno. In: Roberto Cardoso de Oliveira, Nicolau Sevcenko, Jair Ferreira dos Santos, Nelson Brissac Peixoto, Maria Celeste Olalquiaga. *Pós-modernidade*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995. p. 44-55.

SILVA, Tomaz Tadeu. A promoção social da identidade e da diferença. In: TOMAZ, Tadeu da Silva (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

TILIO, Rogério Casanovas. C. A evolução da teoria da relatividade lingüística e a interface língua-cultura no ensino de línguas

estrangeiras. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Rio de Janeiro, v. VI, n. XXIII, p. 105-124, out./dez. 2007.

VIVAN, Élide. S. Língua e cultura: entre a submissão e contestação. **Revista Sapere**, v. 3, n. 1, s./p., jan./jun. 2011.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 200 p.

*Recebido em: 07/05/2018*

*Aceito em: 05/06/2018*